

Pedro de Albuquerque Oliveira

# Revoltas populares no cordel

Ilustrações de Naiara Gramacho



PEDRO DE ALBUQUERQUE OLIVEIRA

# REVOLTAS POPULARES NO CORDEL

2021, Pedro de Albuquerque Oliveira

Todos os direitos reservados

Ilustrações: Naiara Gramacho

Elaborado por Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

Teatro Popular de Ilhéus - Editora  
Avenida Soares Lopes, s/n, Cidade Nova  
Cep.: 45.653-005 | Ilhéus-Bahia  
(73) 4102-0580  
tpilheus@hotmail.com

# APRESENTAÇÃO

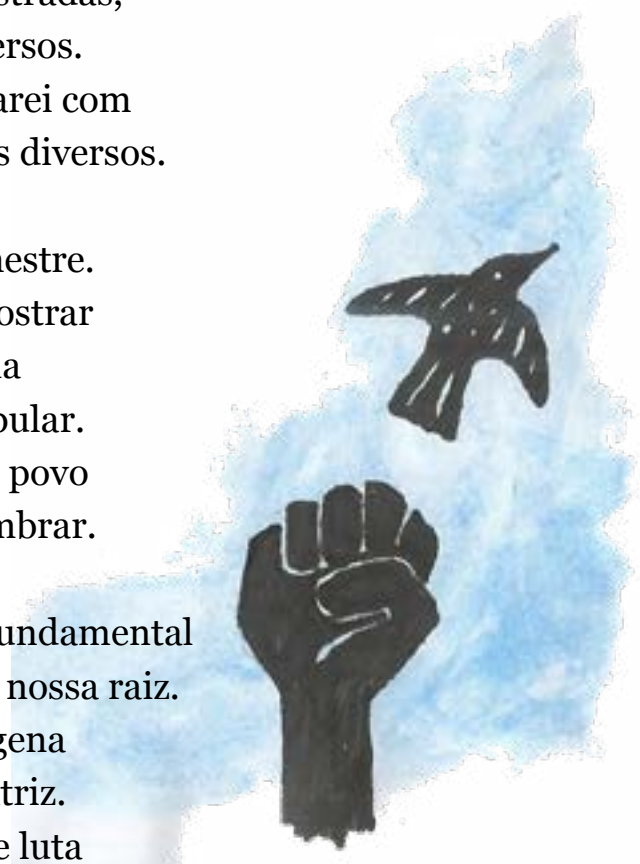
O cordel surgiu para mim  
Como uma noite de luar.  
De uma beleza raiz.  
Magia de imaginar.  
Servia pra tanta coisa  
Que eu nem consigo citar.

Serviu pra poder aprender,  
Com Gilton<sup>1</sup> e com Azulão<sup>2</sup>,  
As artes de fazer rima  
Com raça e com diversão.  
Na métrica bem versada  
No canto de declamação.

Já fazem catorze anos  
Que escrevo esses versos.  
Caminhei pelas estradas,  
Viajei meus universos.  
Também me deparei com  
Mestras e mestres diversos.

Agora me sinto mestre.  
Um amigo a te mostrar  
A beleza do poema  
Dessa cultura popular.  
Trago revoltas do povo  
Pra gente se relembrar.

Lembrar é, sim, fundamental  
Quando sabemos nossa raiz.  
Sangue afro-indígena  
Pele negra é a matriz.  
Trago histórias de luta



Pois lutar é força motriz.

Poder ancestral nos une  
Como povo brasileiro.  
Ação colonial nos pune.  
Escraviza por inteiro.  
Liberdade é conquista  
Do direito verdadeiro.

Trago histórias versadas  
Passadas no chão do Brasil.  
Conto memórias de sangue  
De gente que não desistiu  
Da vida liberta no mundo  
Sem um dono ou senhoril.

Falo de muitas histórias  
Passadas no mar, na terra...  
Não tenha medo de ler  
Mesmo quando fale de guerra.  
Somos frutos do passado  
E a vida não se encerra.

Se arte é vida, também,  
Mantenho a arte viva.  
Peço que ela revele  
A força sempre ativa  
Do povo raiz brasileiro  
Que luta na defensiva.

Boa leitura eu desejo.  
Depois estudo profundo  
Sobre os fatos narrados  
E outros fatos do mundo.  
**REVOLTAS POPULARES NO CORDEL**  
É campo fecundo.





Parte I  
Histórias do período colonial

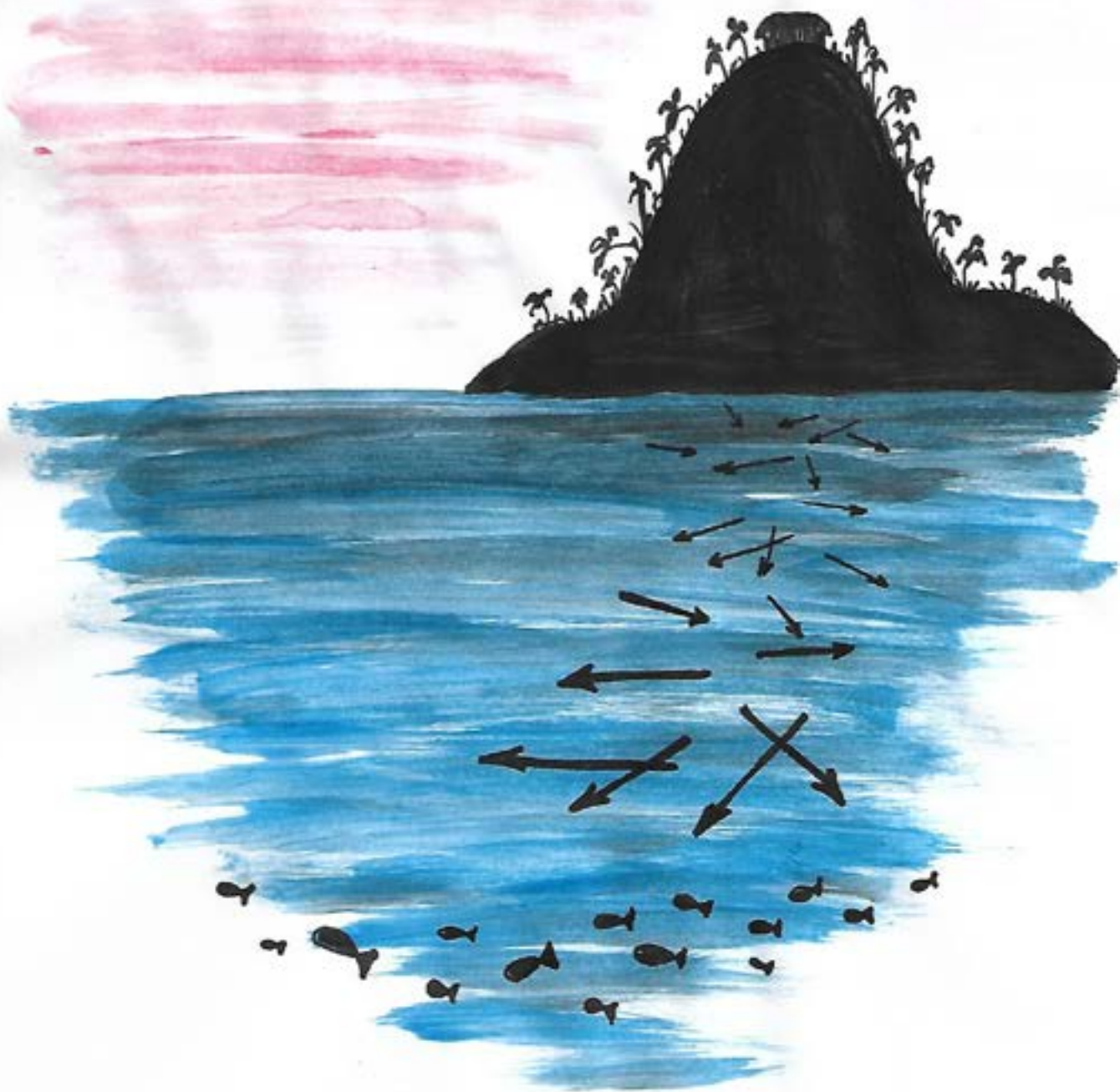




*Capítulo 1*

# 1ª Guerra da Bahia

- Massacre Tupiniquim -

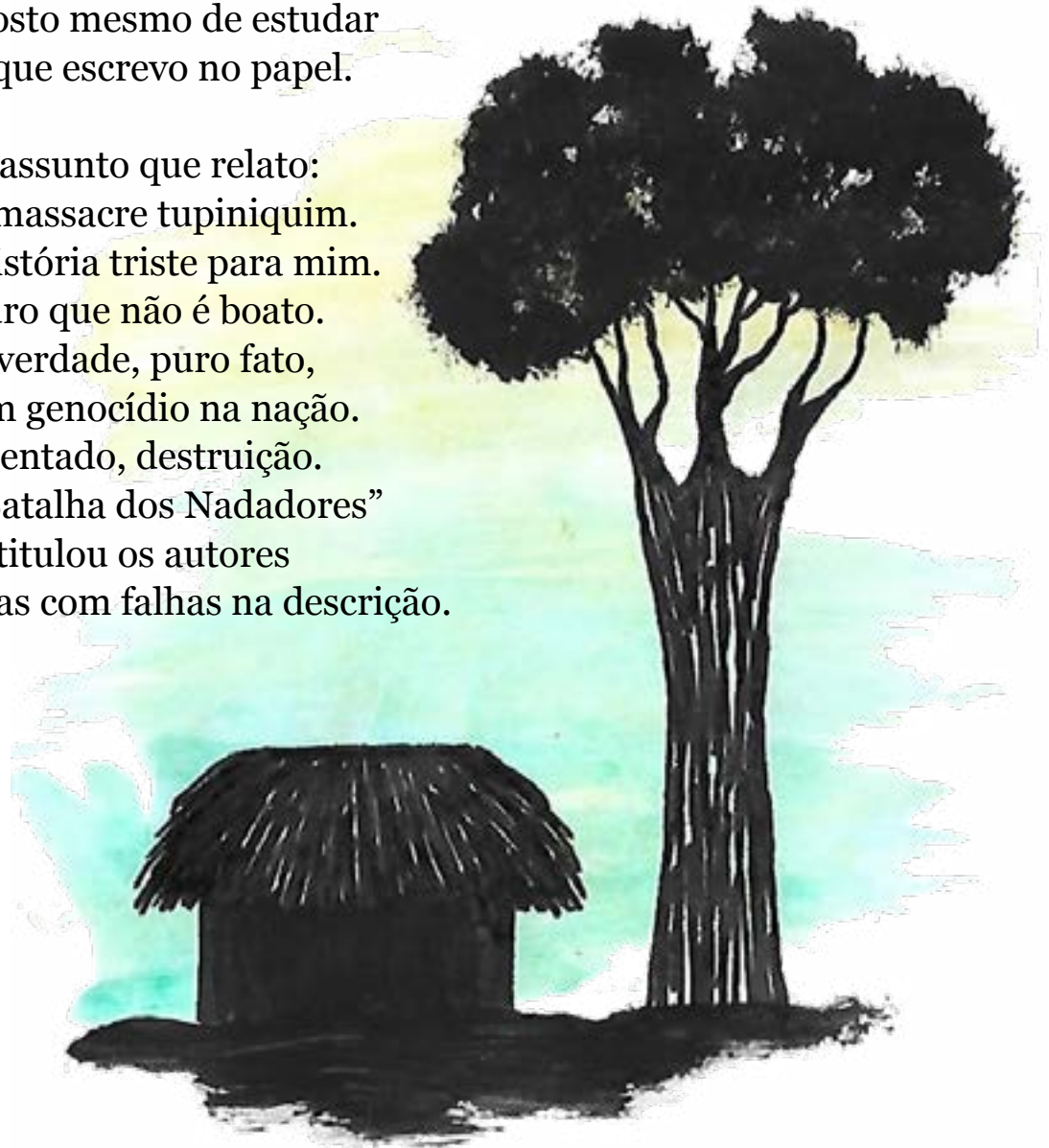


# CAPÍTULO 1

## - 1ª Guerra da Bahia (Massacre Tupiniquim)<sup>3</sup> -

A história é contada  
por vencidos e vencedores.  
Por uns historiadores  
uma parte é ocultada.  
Eu, que não escondo nada,  
verso tudo com o cordel.  
Estilo vate, menestrel,  
sou um poeta popular.  
Gosto mesmo de estudar  
o que escrevo no papel.

O assunto que relato:  
o massacre tupiniquim.  
História triste para mim.  
Juro que não é boato.  
É verdade, puro fato,  
um genocídio na nação.  
Atentado, destruição.  
“Batalha dos Nadadores”  
intitulou os autores  
mas com falhas na descrição.





Vamos então ao contexto.  
Ao início da história  
dessa nossa trajetória  
que trago hoje no texto.  
Portugal com o pretexto  
de que em nome de Deus  
ia catequisar os ateus,  
hereges do novo mundo,  
feriu de modo profundo  
esse povo de reis plebeus

A cultura dos nativos,  
próspera e muita rica,  
é do tipo ninguém fica  
sem comida, donativos.  
Tudo é em coletivos.  
Coisa boa de observar.  
Porém pensa só em lucrar  
a cultura portuguesa.  
Acúmulo de riqueza  
o desejo a imperar.

Pois nesse choque cultural  
alianças foram feitas.  
Apaziguadas treitas.  
Brigas? Algumas, casual.  
Mas, como era natural,  
a ambição, a maldade,  
egoísmo e vaidade  
presente no ser-humano  
foi em um solo baiano  
que se deu perversidade.

Um fazendeiro bem duro  
matou um filho da terra.  
O destino foi a guerra  
perto de Porto Seguro.

Qualquer cerca, qualquer muro  
que estivesse na frente  
ia abaixo prontamente.  
Assim foi até a vila.  
Os tupiniquins em fila  
revoltados fortemente

cercaram toda região  
de São Jorge dos Ilhéus.  
Desataram os sete véus.  
Enfrentaram ingratidão.  
Era pânico, confusão.  
Muita casa foi queimada.  
Fazenda foi saqueada.  
E em solo brasileiro  
foi do alto dum outeiro  
que vitória tava dada.

De um lado os nativos  
da nação tupiniquim.  
Do outro, bem perto do fim,  
uns poucos portugueses vivos.  
Foi quando barcos altivos  
do governador Mem de Sá  
vieram pro lado de cá  
de Ilhéus e seu domínio  
começar o extermínio  
causando assombro de lá.

Tribos inteiras queimadas.  
Canhões destruindo tudo.  
Tupã chega ficou mudo:  
Mulheres esquartejadas,  
crianças assassinadas.  
Um caótico retrato.  
Rastro de fogo no mato.  
Genocídio aconteceu.  
Toda multidão que morreu

resultou por fim num trato.

Quem sobreviveu aceitou  
a fé do branco imposta.  
Em uma légua de costa  
repleta de corpos ficou.  
Um mundo de mortos restou  
neste conflito desigual  
celebrado em ritual  
até hoje em Olivença.  
Memória não há quem vença  
em uma tradição oral.

A pólvora contra a lança.  
Navios contra as canoas.  
Traições nunca são boas  
mas a justiça avança  
quando povo não se cansa  
lutando até a morte.  
Sempre nadando bem forte  
como povo tupiniquim.  
Vem um dia chega ao fim  
a nossa falta de sorte.

O massacre que eu contei  
foi maldade portuguesa.  
Os nativos, sem defesa  
contra os súditos dum rei  
de um país que eu nem sei  
o cheiro ou a amplidão,  
sofreram a escravidão  
e massacre de todo tipo.  
Mas também me anticipo  
contra a colonização.

O processo do assalto  
ao país como colônia  
segue sem cerimônia.  
Mas povo dá sobressalto.  
Vive entre baixo e alto  
escapando das mazelas.  
Eliminando as querelas.  
Seguindo sempre em frente.  
Pois história dessa gente  
é voar dessas cancelas.



Capítulo 2

Palmares





## CAPÍTULO 2

### - Palmares<sup>4</sup> –

A história de Palmares  
deve ser bem conhecida.  
Força que emana vida.  
Canto de muitos lugares.  
Zumbi, Dandara... Palmares.  
Se nunca ouviu atenção.  
Aqui trago uma lição  
sobre tática de guerra.  
Mira que nunca erra.  
Caminho de evolução.

Soube que formou Palmares  
um conjunto de quilombos  
com negros de fortes lombos  
marcados pelos lugares  
(fazendas, navios, altares).  
Tratados como escravos.  
Nas mãos algemas, cravos.  
Rendidos, porém vivendo.  
Tal povo que vai sofrendo  
sonhando menos agravos.

Logo que teve início  
a tal da colonização  
europeia, por ambição,  
no Brasil deu-se suplício.  
Escravidão virou um vício.  
Bom lucro comercial.  
Com rota pra frota naval,  
de África veio milhões.  
Pessoas de muitas nações

que vinham prevendo o mal.

Quarenta dos que chegaram  
escravos pelo Recife  
tiveram banca, cacife,  
pra lutar e sim, lutaram.  
Numa vila mataram  
todos os brancos do lugar.  
Fugiram pra aquilombar  
lá na Serra da Barriga.  
Isso é que mais intriga:  
O tamanho desse lugar.

Um mundo de território  
maior que muitos países.  
Um Lugar de diretrizes  
que exército notório  
foi tema de falatório  
até na corte portuguesa.  
Assustou a realeza  
os feitos desses quarenta  
que logo eram setenta  
mil fugidos da tristeza.

Juntou tanta gente ali  
no século XVII  
que logo virou manchete  
(muito antes de zumbi).  
Conto como sei e ouvi,  
ou li por esses meses.  
Enquanto os holandeses  
disputavam Pernambuco,  
o povo ficou maluco  
e fugiu diversas vezes.

Escapuliram pro quilombo  
na região das alagoas.  
Terra de ramagens boas.  
Na subida alguns tombos.  
Crianças iam nos lombos.  
Os mais velhos carregados.  
Outrora amordaçados  
buscavam por liberdade.  
Acreditavam com verdade  
nos negros aquilombados.

Muitos líderes reinaram  
nos quilombos de Palmares.  
Dois nomes em patamares  
históricos se marcaram.  
Foram os que chefiaram  
Angola Janga<sup>5</sup> no final,  
sob forte ataque brutal:  
Ganga Zumba e Zumbi.  
Mas sei não acaba ali  
pois Palmares é imortal.

Importante é ressaltar  
o papel dado à Dandara.  
Liderança tipo rara.  
Qualidade no guerrear.  
O nome pra representar  
toda mulher quilombola.  
Desde Nzinga<sup>6</sup>, de Angola  
à Mariele<sup>7</sup> presente.  
Mulher também é valente  
contra qualquer gaiola.

Zumbi não lutou sozinho.  
É certo que foi um herói.  
O pensamento se constrói

lutar é melhor caminho.  
Indico nunca sozinho.  
Valiosa é união.  
Esse cordel de saudação  
irriga conhecimento.  
Rabisco no firmamento  
a história dessa nação.

Aqui é só um relato.  
Um cheiro dessa história.  
A pesquisa é a glória  
da busca por esse fato.  
Busque ter algum contato  
com os livros desse tema.  
Estudar não é problema.  
Difícil é ficar vivo  
popular, alternativo  
combatendo o sistema.

Quilombos seguem vivendo  
na consciência nacional.  
De qualidade ancestral,  
Palmares é dividendo.  
Nunca se rendendo  
contra toda a opressão.  
Sua luta é uma lição  
de como se defender  
do racismo e do poder  
dos que comandam essa nação.



*Capítulo 3*



# Engenho de Santana

- Tratado de paz -





## CAPÍTULO 3

### - Engenho de Santana – Tratado de paz<sup>7</sup> –

A busca por liberdade  
habitou todo o país.  
Também habitavam os vis  
no campo e na cidade.  
Com muita sagacidade  
o povo sempre resistiu.  
Quem não soube ou ouviu  
de uma luta popular?  
Uma agora vou versar  
como quem viveu ou viu.

Foi na terra grapiúna  
esse fato que eu conto.  
Em Ilhéus exato ponto.  
No sul, caminho de Una.  
Bem distante de Itabuna.  
No engenho de Santana.  
Preto velho não engana,  
açúcar dava dinheiro.  
Cacau era forasteiro  
e ouro era a cana.

Pois nesse engenho dito  
os escravos trabalhavam.  
Os feitores os forçavam  
com pau e muito grito.  
Além de cobra, mosquito  
e aquela escravidão  
ainda tinha opressão  
e violência sem parar.

Resolveram se rebelar  
todo o povo em questão.

Instrumentos da fazenda  
em armas foram virados.  
Feitores assassinados.  
Uma guerra sem emenda.  
E pensar que a contenda  
tem mais de duzentos anos.  
Muitos quilombos baianos  
na luta se inspiraram.  
Negros se aquilombaram  
e causaram muitos danos.

Esse conflito perdurou  
por muito tempo ali  
e pelo que eu conheci  
na verdade nunca parou.  
Mas um tempo apaziguou  
e um acordo tratado  
depressa foi assinado  
pedindo a paz na guerra,  
alguns direitos na terra  
e um ser alforriado.

O líder, Gregório Luís,  
foi quem teve alforria.  
Com isso ele poderia  
circular todo o país.  
Articular outra matriz,  
ampliar com o debate  
que em negro não se bate  
mas traição aconteceu.  
A polícia apareceu  
pondo fim nesse embate.

Gregório então foi preso.  
Outros tantos foram também.  
Heróis do passado além  
que caíram em desprezo.  
Carregaram todo peso  
nas costas chicoteadas.  
Fugiram pelas estradas  
alguns outros sem desistir  
pelo direito de sorrir  
e por terras desejadas.

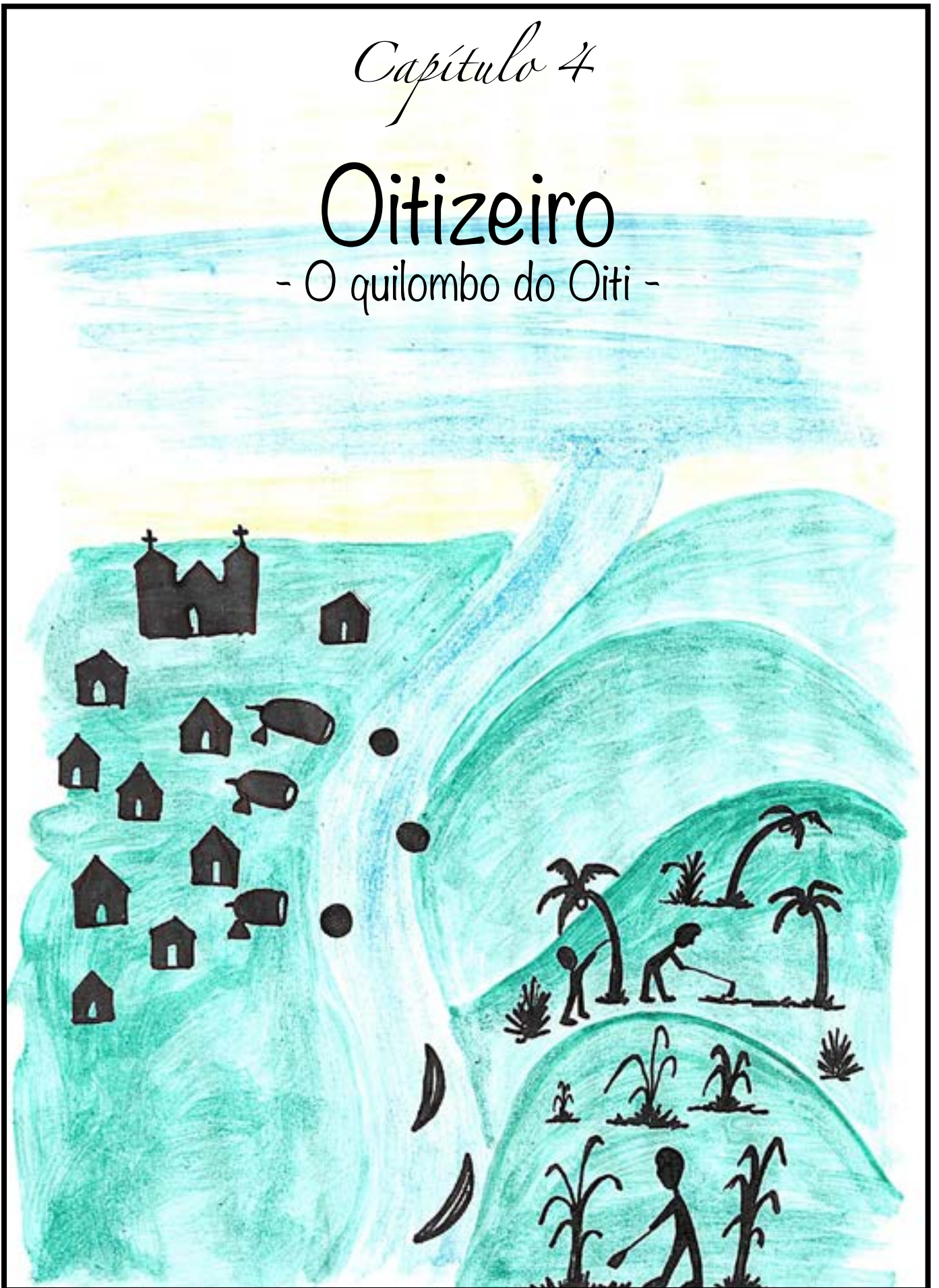
Hoje, no Rio do engenho,  
luta por terra prevalece.  
Pros nativos mando prece.  
Acredito com empenho  
que por onde vou e venho  
liberdade irá reinar,  
boa terra frutificar  
e a justiça, muito forte,  
será um guia tipo o Norte.  
Assim posso acreditar.



*Capítulo 4*

# Oitizeiro

- O quilombo do Oiti -





## CAPÍTULO 4

### - Oitizeiro (O Quilombo do Oiti<sup>8</sup>) -

Tal qual Palmares de Zumbi  
e Dandara a guerrear  
hoje venho aqui contar  
sobre o quilombo do oiti.  
Até hoje existe ali  
pertinho de Itacaré.  
Se não sabe onde é  
pergunte a quem conhece  
pois o lugar é a prece  
de quem quer sentir o axé.

Por mais de trezentos anos  
o quilombo sobrevive.  
O povo que por lá vive  
realiza muitos planos.  
Fugindo dos maus enganos  
desde século XVII.  
Muito antes do disquete,  
do cd e do dvd.  
Até que dá gosto de vê  
após 2017.

Negros bantos de Angola  
logo assim que chegaram  
fugiram, se rebelaram,  
montaram até escola.  
Este velho não enrola  
sabe bem o que relata.  
Com os nativos da mata  
conheceram todo lugar.





Quem quiser que vá pesquisar  
pois até livro retrata.

Montaram no Rio de Contas,  
na Barra, em São José  
(Onde hoje Itacaré),  
grupos de boas afrontas.  
Cercaram todas as pontas,  
protegeram todo local.  
Resistiram bem, afinal,  
e o comércio prosperou.  
Boa produção negociou  
até mesmo na capital.

Plantavam e colhiam.  
De canoa navegavam.  
Os números aumentavam  
dos negros que lá viviam.  
Pessoas livres sorriam  
mas explico como se fez,  
em 1806,  
o Oiti com mais de cem anos,  
muitos quilombos baianos  
sofreram de uma só vez.

Um governador ordenou  
que tropas fossem mandadas  
por quase todas estradas  
e muitos quilombos matou.  
Mas a luta continuou  
e o oiti, atacado,  
de oitizeiro chamado,  
fez-se exemplo na guerra.  
Dispersou pela terra  
o povo aquilombado.

Depois com muito cuidado  
foram voltando aos poucos.  
Deixaram inimigos loucos  
com estratégias e brado.  
Até hoje o recado  
é mandado ao planeta:  
tem força a gente preta  
que vive em liberdade!  
Tendo coletividade  
não há rival que se meta.

No país muitos quilombos  
por negros foram formados.  
Guerreiros articulados  
cansados de tantos tombos.  
Ganância cria os rombos  
(não só na economia).  
Humanidade, quem diria,  
segue em segundo plano.  
E, se falo, não engano:  
Luta segue todo dia.

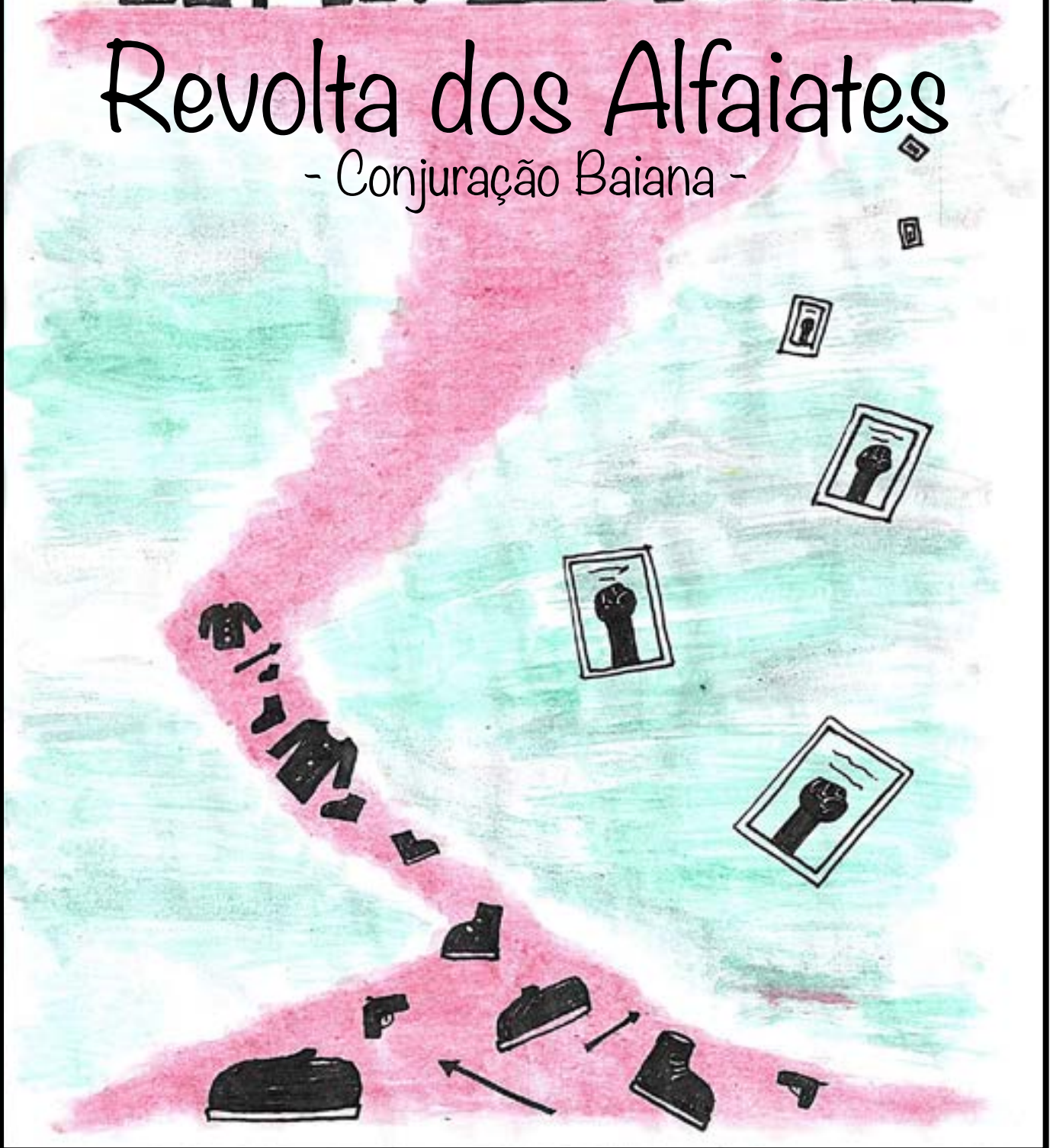


Capítulo 5



# Revolta dos Alfaiates

- Conjuração Baiana -



## CAPÍTULO 5

### - Revolta dos Alfaiates<sup>9</sup> (Conjuração Baiana) -

Revolta dos Alfaiates  
(ou Conjuração Baiana)  
foi o povo com gana  
de partir para os combates.  
Motivos? Vários embates:  
Colonização, pobreza,  
escravidão, avareza.  
Fins do século XVIII,  
em um sete nove oito<sup>10</sup>  
o povo contra a nobreza.



Revoltosos desejavam  
o fim da dominação  
(portuguesa e escravidão).  
República almejavam.  
Com panfletos divulgavam  
ideias de liberdade  
nas igrejas da cidade  
e nas praças de Salvador  
irritando governador  
(Que manteve autoridade).

Entre os participantes  
estavam alguns pedreiros,  
alfaiates, sapateiros,  
muitos soldados errantes.  
Negros livres radiantes  
sonhavam com igualdade  
e, também, fraternidade  
no ensejo de libertar

a camada mais popular  
da colonialidade.

A repressão, violenta,  
aconteceu no mesmo ano.  
Foi assim, se não me engano:  
a multidão, desatenta,  
com medo de quem enfrenta  
o poder que a humilha,  
delatou como quadrilha  
os líderes da revolta.  
Governador com escolta  
foi no encalço da trilha.

Mais de trinta foram presos.  
Todos eles processados.  
Os mais pobres condenados.  
Já os mais ricos, ilesos.  
Entretanto quatro presos  
sentenciados à morte  
marcaram a própria sorte  
entrando para história.  
Tiveram a trajetória  
envolta de muito corte.

Esses quatro, esquartejados  
depois da forca sofrerem,  
além de mulatos serem  
eram líderes honrados.  
Alfaiates e soldados.  
Dois de cada profissão.  
Manuel Faustino e João.  
Lucas Dantas e Gonzaga  
(de quem narrarei a saga  
com pouco mais dedicação).

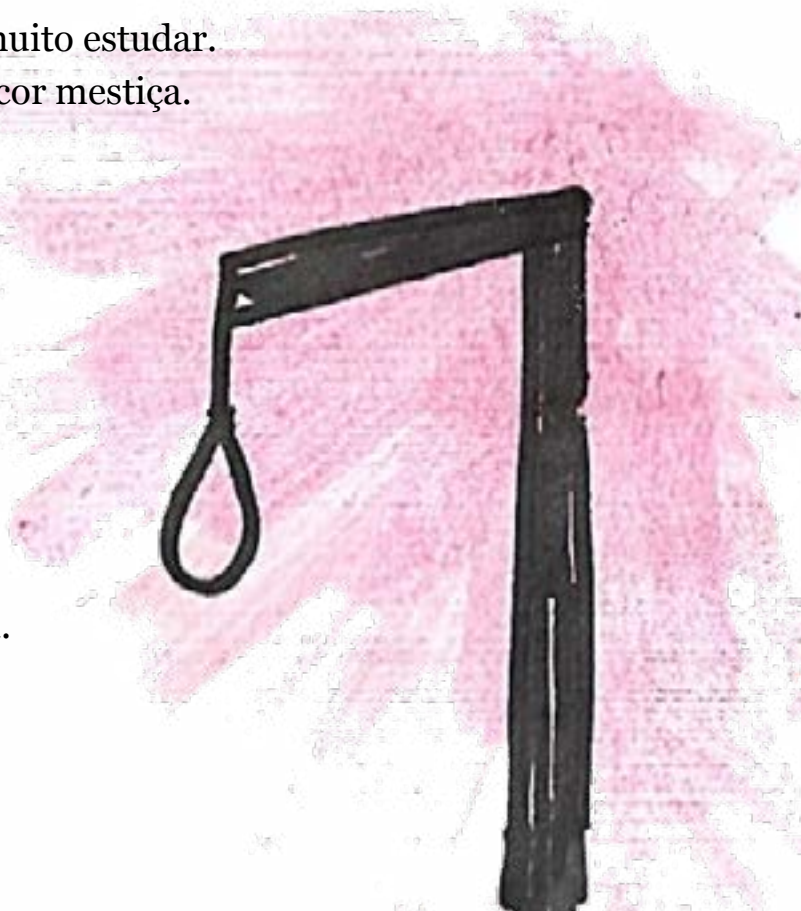


Luís Gonzaga, soldado,  
foi o mentor do conflito.  
Cansou de prender o grito.  
Com panfleto divulgado,  
ele foi o mais apontado  
como líder dos protestos  
por conta dos manifestos  
que escrevia e lia  
pelas praças da Bahia  
em bom som e altos gestos.

Soldado de regimento  
desertor e insubmisso.  
Inconformado e, por isso,  
ao Brasil sempre atento  
(Terra de tanto sofrimento  
Com tamanha injustiça).  
Um daqueles que atíça  
a população a lutar.  
Gostava muito estudar.  
A pele de cor mestiça.

Ficou conhecido demais  
por ser intelectual  
além do parco cabedal  
(riqueza não teve jamais).  
Desejava pro povo mais  
liberdade, revolução...  
É possível ter conclusão  
de que tudo aconteceu  
conforme pensamento seu.  
Seus desejos e ambição.

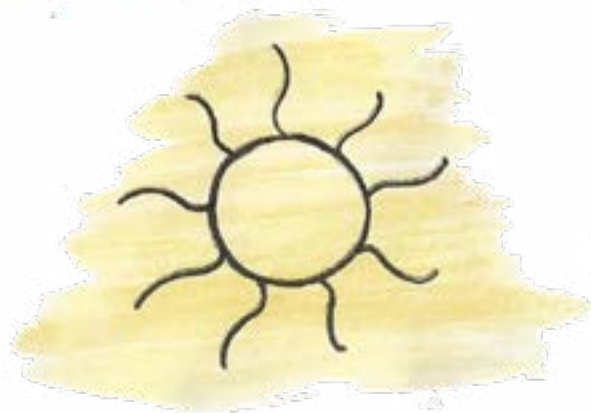
Causas sempre legítimas  
(todas hoje conquistadas).  
As sementes lá plantadas,



semeadas por vítimas,  
como brisas marítimas,  
com tempo circulam mundo  
(Pensamento bem profundo).  
Conquistas chegam pro povo  
que tende lutar de novo  
contra domínio infundo.

Os métodos violentos  
de repressão colonial  
do sistema oficial,  
em diferentes momentos,  
conforme narram documentos,  
deixaram amedrontada  
a nação agrilhoada.  
Mas nunca matou o sonho  
de vencer o mal medonho:  
A elite vil armada.





Parte 2

# Histórias do Império e da República





*Capítulo 1*



# Independência da Bahia



# CAPÍTULO 1

## - Independência da Bahia -

A Bahia foi, por vezes,  
palco de muitas batalhas.  
Espaço de muitas falhas.  
Território de burgueses.  
Colônia de portugueses  
desde a tal “descoberta”.  
Mistura de gente esperta  
frutos da miscigenação.  
Conto nesta minha versão  
quando ela foi liberta.

A data foi 2 de julho  
(todo ano comemorada).  
História não apagada  
dos baianos com orgulho.  
Depois de muito barulho  
houve a independência.  
Com doses de violência  
e de esforço popular.  
Viaje no que vou narrar  
usarei de coerência.

O mundo todo passava  
por muitas transformações.  
Revoltas e rebeliões  
nesse período já dava  
pra entrever que rolava  
a chama da revolução.  
Ocorreu a proclamação  
dia sete de setembro



e, se ainda me lembro,  
não passava de ilusão.

Quando Dom Pedro Primeiro,  
filho do rei de Portugal,  
deu o grito oficial  
como líder brasileiro  
o chão do país inteiro  
tremeu com a alegria  
(no entanto a euforia  
durou um tempo pequeno).  
Portugueses, no veneno,  
juntaram-se na Bahia.

Preparavam-se pra guerra.  
Aquartelaram-se no forte.  
Veio pro sul, do norte,  
um grupo de outra terra  
(Portugal e Inglaterra)  
não importa quem viesse.  
O povo que mais merece  
comemorar liberdade  
com toda baianidade  
guardo em minha prece.

Querido povo baiano,  
lutador até o final.  
Por terra e água o mal  
sofreu baixa, teve dano.  
Exército lusitano  
voltou lá pro continente  
mas antes, infelizmente,  
lutou no norte e no sul.  
Perdeu no mar, sob céu azul,  
e desistiu finalmente.



O povo, muito contente,  
comemora desde então,  
a sua libertação,  
quebra de toda corrente.  
Liberdade a toda gente.  
Mas a luta continua.  
Pois quem anda pela rua  
sabe o que acontece  
nas garras que o mal tece  
seja no Sol ou na Lua.

1823,  
no dia 2 de julho,  
foi a data que o orgulho  
do nosso povo se refez.  
Não seria sem os reis  
e rainhas da história  
que nos enche com a glória  
do mais alto e bom valor.  
Por isso lhe peço favor  
guarde na sua memória

nomes de gente valente  
pra uma pesquisa futura.  
Pessoas dessa cultura  
do dendê e do oxente.  
Sempre na linha de frente:  
Luís Lopes, corneteiro,  
representante brasileiro,  
como Felipa e Quitéria  
Marias, sem pilhéria.  
Heroínas no terreiro.

Os mártires são lembrados  
Daniel Lisboa, capelão,  
Joana Angélica, que são

por golpes atravessados.  
Negros escravizados.  
Caboclos de sangue forte.  
Baianos de sul a norte,  
mulheres, homens, crianças  
construíram alianças  
sem temer, sequer, a morte.

Cochrane e mercenários,  
Labatut, o comandante,  
vieram de bem distante  
de olho nos honorários.  
Soldados também são vários.  
Anônimos. Fundamentais.  
Sabino, Pacheco e mais.  
É gente que não acaba  
nem cabe dentro da taba  
nem nas folhas dos jornais.

Durou tempo a colônia  
no estado da Bahia.  
Lugar de muita magia  
onde dor causou insônia.  
Aqui ganância, demônia,  
ceifa vidas e acorrenta  
corpos de quem enfrenta  
novos tiranos do Brasil  
que seguem com plano hostil:  
Manter linha violenta.

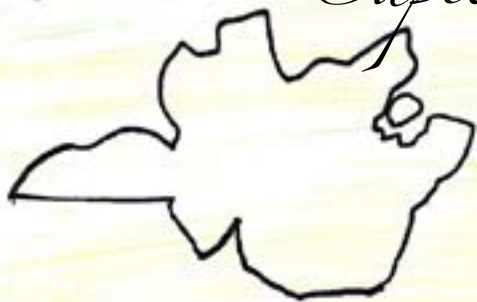
Trezentos e vinte e três  
anos: tempo que demorou.  
E o povo esperou  
os anos, o dia, o mês  
pra sonhar em ter mais vez  
com a oportunidade

de sentir a liberdade  
em todo solo nacional.  
Desde então é oficial:  
Independência é verdade.

De lá pra cá já passaram  
quase dois séculos, creio.  
Muita história já veio.  
E por vir. E que chegaram.  
Tiranos sempre teimaram  
em dominar e destruir.  
Mas não podemos desistir  
da boa e justa luta.  
Renova sua conduta  
e acredite no porvir.



Capítulo 2



Cabanagem





## CAPÍTULO 2

### - Cabanagem –

Cabanagem foi revolta  
na província do Grão-Pará  
liderada por cabanos<sup>11</sup>  
de onde hoje é o Pará.  
No século XIX  
que aconteceu o fuá.

Em Belém, sua capital,  
um grupo incomodado  
com a miséria feroz  
imposta pelo Estado  
conseguiu tomar o poder  
e se fez representado.

Um dos seus primeiros atos  
foi expropriar armazém,  
depósitos de alimentos,  
dar comida a quem não tem.  
Mataram autoridades  
do governo de Belém.

Mas as forças imperiais,  
com todo poder e guerra,  
um ano depois conseguiu,  
chegando por mar e terra,  
destituir os cabanos  
e a gestão se encerra.

Por quatro anos a luta  
segue por dentro do sertão.

O povo se refugia  
clamando à população  
pra enfrentar o Império  
e combater exploração.

Alguns fazendeiros de lá  
deram apoio por um tempo  
mas, depois, se distanciam  
temendo o contratempo.  
Até porque... Guerrear  
nunca foi bom passatempo.

A repressão violenta  
foi cruel até o final.  
Mais de 30 mil cabanos  
tiveram destino fatal.  
Cerca de 20%  
da população total.

Os líderes da revolta  
tinham nomes curiosos  
(João do Mato, Angelim.  
Outros mais religiosos  
(Padre Batista Campos,  
Mãe da Chuva). Revoltosos

que junto com outros pobres,  
índios, negros e mestiços  
(Domingos Onça, Gigante  
e tantos outros maciços)  
lutaram por melhorias  
pro povo em seus serviços.

Cabe aqui homenagem  
a todos que deram vida  
brigando por igualdade.

Ajudando a sofrida  
nação de múltiplas cores.  
Onde gente é aguerrida.



Capítulo 3



Balaiada



# CAPÍTULO 3

## - Balaiada -

A história nos revela  
que conquistas populares  
são construídas aos poucos  
como ondas pelos mares.  
O desfecho das batalhas,  
com vitórias militares,

é somente o início.  
Preliminar do futuro.  
É por isso que agora  
em cordel me aventuro  
falar caso no Maranhão  
(nunca em cima do muro).

Sob comando português,  
graças à colonização,  
dedicou-se ao açúcar  
e toda sua produção.  
O que não deu muito certo  
pelo solo da região.

Arenoso, pouco fértil,  
não servia para cana.  
Tentou-se algodão, cacau,  
cravo, arroz e banana.  
E nem com a pecuária  
prosperidade emana.

Mão de obra africana  
com gente escravizada





vai chegando ao Maranhão  
(e ficando aquilombada).  
Muitas fugas vão acontecer  
nessa terra tão sagrada.

Eis que surge Balaiada.  
Uma revolta popular.  
Com vaqueiros, quilombolas  
e sertanejos a lutar  
contra toda exploração  
e a elite do lugar.

No século XIX  
foi que tudo aconteceu.  
No final dos anos trinta.  
Por três anos ocorreu  
o conflito que eu narro  
para conhecimento seu.

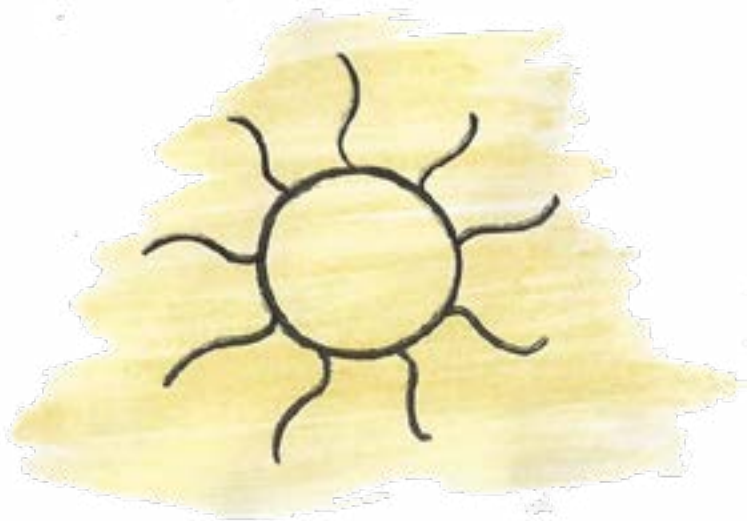
As muitas reviravoltas  
no cenário político  
(além da economia  
em um estado crítico)  
fez o Maranhão mergulhar  
num momento atípico.

A Balaiada misturou  
interesses variados:  
dos escravos, dos vaqueiros,  
de outros grupos armados  
(ricos latifundiários  
e também seus empregados).

Todos queriam melhoras.  
Por isso que se uniram.  
Mas o descontentamento

maior que o reuniram  
foi o recrutamento  
obrigatório e inqueriram:

Por quê aceitar abuso  
da elite e do Império?  
Ver os nossos para guerra  
voltarem pro cemitério?  
Nossas lutas são só nossas!  
As deles... Um império.



Os revoltosos tomaram  
a cidade de Caxias  
(segunda maior do estado)  
e governaram por dias.  
Mais de um ano se passou  
com muitas benfeitorias.

No entanto o Império  
combateu os revoltosos.  
Os “mandados do governo”  
saíram vitoriosos.  
Transformaram-se em heróis.  
Militares orgulhosos.

A história vai ocultar  
por muito tempo o fato  
de que o povo tem poder  
pra chegar ao estrelato.  
Lutando por igualdade,  
justiça e melhor trato.

Meu cordel fará a ponte  
pra mostrar que só com luta  
o povo terá melhora  
e justiça na labuta.

Pras conquistas nos chegarem  
depende dessa conduta.

Não tema olhar o passado  
nem enfrentar o futuro.  
No hoje de cada hoje  
é que derrubamos muro.  
As portas que Deus nos abre  
são portas que, asseguro,

Unirão todos os povos.  
Brasileiros, africanos,  
Asiáticos, europeus,  
Nativos americanos...  
Todos, sem distinção,  
Olharão livres os anos.



# Capítulo 4



# Canudos



# CAPÍTULO 4

## - Canudos -

Imagine se um homem  
com a pele bronzeada,  
aparecesse pregando  
sobre palavra sagrada.  
Contrariando igreja,  
governo, força armada...

Assim fez o Conselheiro,  
líder forte e valente.  
Messias dos sertanejos.  
Nome: Antônio Vicente.  
Período: da república.  
Tempo de crise crescente.

Seu braço direito era  
Pajeú, negro liberto.  
Excelente comandante.  
Estrategista esperto.  
Destemido corajoso.  
Sempre estava por perto.

No século dezenove,  
final dos anos setenta,  
peregrinos do sertão  
ouviam de forma atenta  
palavras do Conselheiro.  
Dessas que no alenta.

Ele falava do começo  
para uma nova era.





Criticava a igreja  
que ao dízimo venera.  
Fez a reforma agrária.  
Tinha palavra sincera.

Era seguido por muitos  
fiéis que acreditavam  
nas palavras do beato  
e que com ele aguardavam  
melhoras do novo tempo.  
Atrás dele caminhavam.

Eram escravos fugidos  
e trabalhadores rurais  
que seguiam conselheiro  
pelos sertões e espinhais  
a quantidade de gente  
era gigante por demais.

Faltando sete anos  
para 1900  
o Antônio Conselheiro  
com os seus conhecimentos  
encontrou uma fazenda  
abandonada aos ventos.

Lá formou o Belo Monte  
(de Canudos o arraial).  
Chegou a ter pra mais de  
20 mil pessoas no local.  
Era mesmo tanta gente.  
Parecia a capital.

Criou-se ali no lugar  
um povoado unido.  
A terra era de todos.

Um local desenvolvido.  
Protegido por Pajeú  
e por Antônio benzido.

Tudo era coletivo:  
o trabalho, a produção.  
Num contexto perigoso  
de injustiça, opressão,  
Canudos era oásis  
pro povo ali do sertão.

Às margens do “Vasa-Barris”,  
rio gostoso para beber,  
Belo Monte (ou Canudos)  
foi paraíso de viver.  
É pena que ganância  
costuma ter força e poder.

Fazendeiros baianos  
e políticos do local  
temiam o crescimento  
de Canudos, o Arraial:  
“Eles não pagam os impostos  
nem temem Deus - o maioral”.

Eram chamados de loucos,  
fanáticos, monarquistas...  
Se fosse hoje seriam  
comunistas, terroristas...  
“Gente que não era de bem”.  
Tal artistas e cordelistas.

A destruição de Canudos  
é triste de se contar.  
Mostra total covardia  
do governo que quer matar

qualquer um que não aceite  
o mal de quem quer nos mandar.

Com o clero e os ricos  
apoiando a matança  
a tropa da república  
veio com a ordenança.  
Disposição para matar  
mulher, velho e criança.

Antes, outras muitas tropas  
dos coronéis baianos  
e políticos locais  
(uns até pernambucanos)  
tentaram, sem ter sucesso,  
vencer ao longo dos anos.

Mas a mando de Pajeú,  
com tática guerrilheira,  
muitos soldados morreram.  
Ficaram a ver poeira.  
Mesmo as tropas do Brasil  
também tomaram carreira.

Canudos permanecia  
firme, forte e valente.  
Seu povo era alegre,  
muito feliz, sorridente.  
Viviam livres. Unidos.  
Sempre coletivamente.

Mas eis que chega o tempo  
do desfecho de Canudos.  
Uma tropa com muita gente  
(uns sete mil carrancudos)  
trouxeram “a matadeira”

(canhão que rompe escudos).

Canudos não se rendeu.  
Exemplo para história.  
Resistiu até tombar  
no fim sua trajetória.  
Foram cinco anos ali  
que ficarão na memória.

No dia cinco do mês dez  
os últimos defensores  
caíram sem ter depois  
extirpando nossas dores.  
Um velho e um menino  
com dois homens lutadores.

Ano 97  
do século XIX.  
Falar sobre esse fato  
realmente me comove.  
Espero com esse cordel  
que o povo se renove

na importância de sonhar,  
de lutar e organizar.  
Canudos foi um exemplo  
de governo e de lugar.  
A terra era de todos  
para plantar e semear.

Todos colhiam os frutos  
sem falar na liberdade  
de poder viver para si  
sem ordens e à vontade.  
Pena que gananciosos  
tem inveja e vaidade.

Belo monte destruído?  
Só o tempo irá dizer.  
Se depender deste autor  
nunca que vai acontecer.  
Enquanto nós nos lembrarmos  
Canudos vai sempre viver.





*Capítulo 5*

Revolta da Chibata



# CAPÍTULO 5

## - Revolta da Chibata –

Não terei a competência  
total para aqui narrar  
a Revolta da Chibata  
sem nessa missão não falhar.  
A história é grandiosa  
do quilombo em alto mar.

De 1910  
é fato bem conhecido  
revolta dos marinheiros  
que resultou alarido.  
Tomaram três bons navios  
da frota do país querido.

O Brasil era gerido  
por presidente Marechal.  
Era Hermes da Fonseca,  
no período, o maioral.  
Eleito sendo militar  
(erro sempre muito fatal).

O motivo da revolta:  
maus tratos e chicotadas.  
A marinha brasileira,  
de visões colonizadas,  
tratava como escravos  
os marujos nas armadas.

O líder, João Cândido,  
convenceu a tripulação

que eles não eram escravos  
e sim a base da nação.  
Isso vinte e dois anos  
de assinada a abolição.

Lutaram com oficiais  
da patente superior.  
Venceram e conquistaram  
três navios com louvor  
e apontaram os canhões  
pra capital. Foi um terror.

Imagine aí agora  
a melhor arma de guerra  
apontada pro presidente,  
líder maior desta terra  
por negros marinheiros  
castigados por quem erra.

Foi um acontecimento  
revolucionário demais.  
Foi notícia em diversos  
periódicos e jornais.  
Foi um dos mais comentados  
assuntos internacionais.

O marujo Marcelino  
foi por demais castigado  
pelo comandante do navio  
sendo chicoteado.  
Seus colegas tripulantes  
o viam injustiçado.

Sendo assim reuniram  
todos do comitê geral.  
Decidiram pelo motim

(para pânico nacional).  
Os marinheiros tomaram  
conta da frota naval.

Mataram os oficiais  
que tinham alta patente.  
Passaram a ter controle  
com enorme contingente  
e mandaram a mensagem  
pra chegar no presidente.

“Queremos a abolição  
da chibata e maus tratos.  
O perdão para conosco  
e assim seremos gratos.  
Queremos o respeito e  
que sejam menos ingratos”

O presidente aceitou  
e o acordo assinou.  
Disse que iriar cumprir  
o que prometeu e falou.  
Jurou ser homem honrado.  
João nele acreditou.

Enganados, os marujos  
cancelaram o ataque.  
Acabaram sendo presos  
e sofrendo todo baque.  
João Cândido, o líder,  
foi quem teve mais destaque.

Das promessas do governo  
nem uma só foi cumprida.  
Revoltosos foram mortos.  
Outros presos toda vida.

Uns expulsos da marinha  
sem achar outra guarida.

Nosso herói popular  
João Cândido, um guerreiro,  
foi perseguido até morrer  
no solo brasileiro.  
Mesmo sendo inocente  
o honrado marinheiro.

Mas os livros de história  
seguirão contando fatos.  
Numas vezes camuflados  
(ocultando uns relatos).  
Mas nos cordéis que escrevo  
coloco em limpos pratos.

Uma vez meu pai me disse:  
“Brasileiro se esquece  
amanhã do que fez hoje.  
Não tem reza nem tem prece.  
Todo mundo tem apenas  
o resultado que merece”.

Investigo e descubro  
Lutas que nos alimentem.  
Há exemplos de revoltas.  
É importante que tentem  
União e igualdade:  
Sonhadores me entendem.





# – CONSIDERAÇÕES FINAIS –

## HISTÓRIAS DO SÉCULO XXI

Sou do século passado.  
Ano: oitenta e quatro.  
Desde 2002 vivo  
as emoções do teatro.  
No cordel abordo temas  
que gosto e idolatro.

Escrevi umas fábulas.  
Também fiz filosofia.  
Até de auto ajuda  
já produzi poesia.  
Mas falar dessas revoltas  
me enche de alegria.

Após os textos de cordel  
deixo minhas referências  
para quem quiser pesquisar,  
investigar incidências,  
da luta do nosso povo  
em suas reminiscências.

Nasci no século XX.  
No XXI eu vivo.  
Quero chegar no próximo  
século também ativo.  
Dando aos filhos e filhas  
todo o meu incentivo.

Amo olhar o passado  
Vendo coisas que ninguém vê

Vejo lá atrás o futuro.  
Vejo tudo. Meu plano B.  
Hoje o mundo precisa  
Menos armas mais ABC.

No Século XXI  
revoltas seguem em curso.  
O povo persiste na luta  
como fera, onça, urso.  
Elegemos presidentes  
e vida segue percurso.

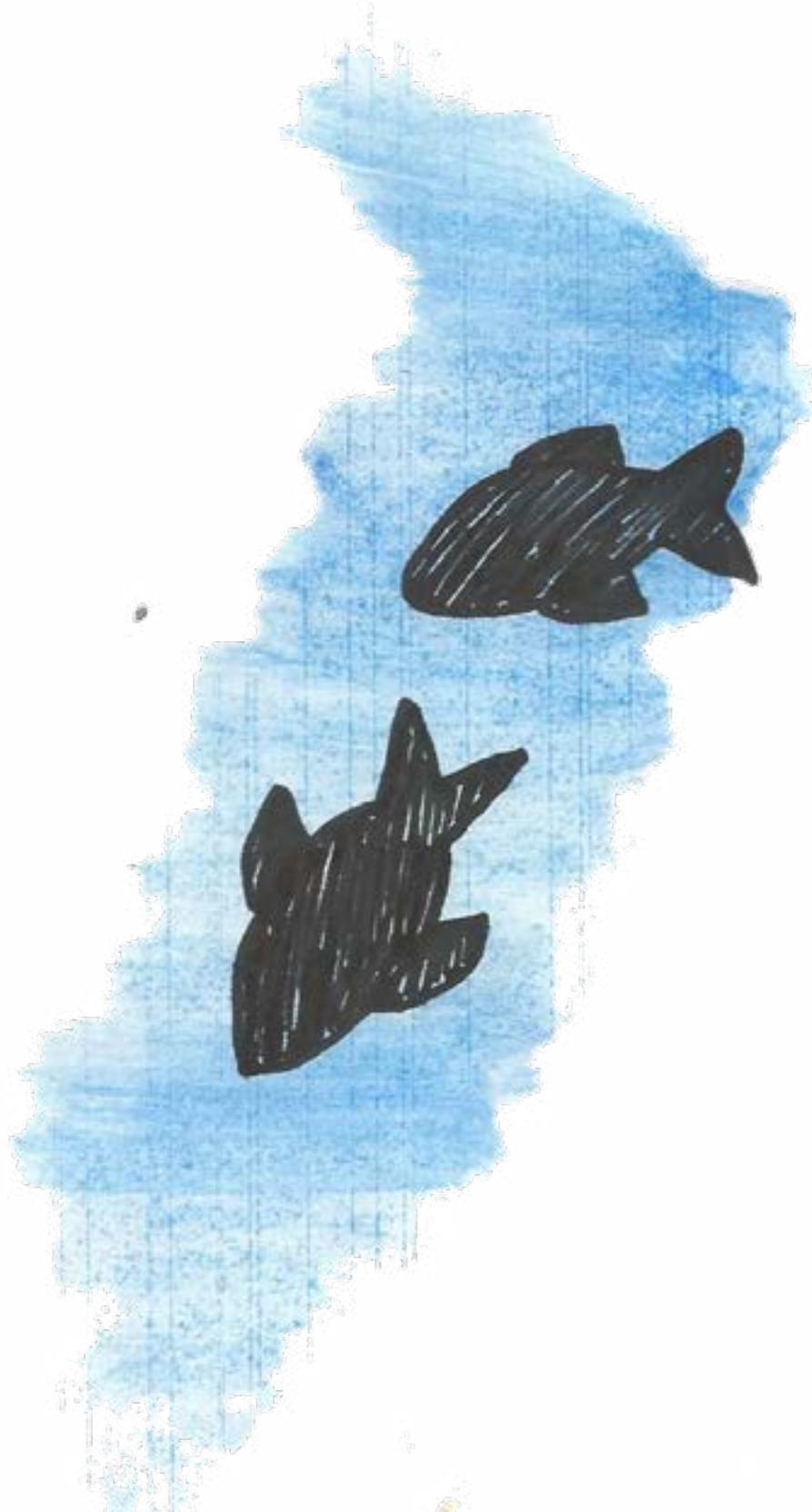
As batalhas populares  
são lutas de cada dia.  
O poder segue ferindo,  
mantendo hipocrisia  
e matando as pessoas  
que vem da periferia.

Somos a borda do mundo.  
Eu, oceano atlântico.  
Ilhéus é onde eu moro  
e construo meu cântico.  
Zona norte, meu abraço.  
Local sempre romântico.

Espero sinceramente  
que você tenha gostado.  
Investigue e estude  
as lutas lá do passado.  
Somos o ontem futuro.  
O hoje é ofertado.

Um período não tarda  
Brasil há de ser bem melhor.  
Uma nação solidária.

Não racismo ou coisa pior.  
Todas nossas histórias  
Unirão por um bem maior.



## - Notas -

1. Gilton Thomaz – Cordelista ilheense.
2. Azulão Baiano – Repentista (em Memória).
3. Cordel inspirado no conflito entre nativos tupiniquins e portugueses no ano de 1559.
4. Angola Janga é como, acredita-se, os próprios aquilombados chamavam o território da Serra da Barriga. (Significa Pequena Angola).
5. Rainha Nzinga Mbandi, de Angola. Batizada com o nome cristão de Ana de Sousa, foi rainha guerreira de destaque na primeira metade do século XVII. Há quem defenda que as técnicas de combate em Palmares eram semelhantes às utilizadas pelos exércitos da rainha.
6. Mariele Franco. Vereadora carioca assassinada em 2018 por milicianos ligados à políticos corruptos. Grande defensora dos moradores de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Denunciava o genocídio do povo negro no Brasil.
7. Cordel inspirado nos feitos ocorridos no final do século XVIII no Engenho do Rio de Santana (Ilhéus-BA).
8. Cordel inspirado na história do Oitizeiro – Quilombo situado nas imediações da vila de São José da Barra do Rio de Contas (hoje Itacaré), fundada em 1732.
9. Cordel inspirado na luta popular chamada Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana.
10. 1798 – Ano da revolta (25 anos antes da independência da Bahia).
11. “(...) homens e mulheres pobres, negros, índios e mestiços que trabalhavam na extração de produtos da floresta e viviam em casas semelhantes a cabanas, à beira dos rios”. (COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral. 6ª ed. reform. São Paulo. Saraiva. 2002. p. 379)



## FONTES DE PESQUISA

CALDEIRA, Jorge. História da riqueza no Brasil. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017

CALDEIRA, Jorge. Nem céu nem inferno: ensaios para uma visão renovada da história do Brasil. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral – volume único. 6.ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2002.

GENNARI, Emílio. Em busca da liberdade: traços das lutas escravas no Brasil. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MORISSAWA, Mitsue. A História da luta pela terra e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

VINHÁES, José Carlos. São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX. Ilhéus: Editus, 2001.

## SOBRE A EDITORA

O Teatro Popular de Ilhéus fundou a sua Editora em 2011 e seu título de lançamento foi a publicação de livro contendo dois de seus maiores sucessos do teatro, Teodorico Majestade – as últimas horas de um prefeito e O Inspetor Geral, ambos os textos em cordel que lhe rendeu entre outras coisas, boas críticas por onde passou. Em homenagem a um dos grandes escritores da região Sul da Bahia, Sosigens Costas, batizou-se a Editora como “Modrongo”, termo utilizado pelo autor para designar a imagem dos primeiros portugueses que chegaram por esta terra. Uma espécie de visão do ponto de vista dos mitos e lendas que povoavam as terras grapiúnas. Para início das atividades foi formada uma parceria com o Editor Gustavo Felicíssimo, que colaborou bastante para os primeiros passos da editora que em apenas três anos de existência publicou mais de 30 títulos de novos autores sulbainos e nomes de grande notoriedade, como o Sosigens Costa e Jorge de Sousa Araújo. Participou de grandes eventos e feiras em diversas cidades da Bahia e do Brasil, como a XI Bienal do Livro da Bahia, apresentando 30 títulos no seu estande. Entre eles, Inúmera, de Daniela Galdino; O sangue que corre nas veias, de Rodrigo Melo e Blues para Marília, de Gustavo Felicíssimo. Entre as obras mais procuradas e elogiadas, pode se citar: A morte da amada, de Nívia Maria Vasconcelos e Do coração dos malditos, de Silvério Duque.

Mas em 2015 essa parceria chegou ao fim, com o editor e o TPI seguindo caminhos diferentes. Foi criado então um novo selo editorial e a editora passou denominar-se simplesmente: Teatro Popular de Ilhéus Editora.

Nos últimos 5 anos já foram publicados mais de 20 livros, sempre com o objetivo primordial de assessorar os autores, principalmente os iniciantes e de pouca notoriedade, na publicação de seus livros, fornecendo equipe para edição, diagramação e impressão.

Entre os títulos publicados destacam-se:

- Lendas da Lagoa Encantada, de Romualdo Lisboa;
- 1789: ópera afrorock sobre a revolta dos escravos do Engenho de Santana, de Romualdo Lisboa;
- Histórias de Teatro e Por do Sol, de Aliomar J. Pereira;
- A Resistência do Clown na Dramaturgia, de Ed Paixão;
- O Povoado das Onze Mil Virgens, de Pawlo Cidade;
- Corpos sem luto, de Ileana Dieguez, dentre outros.

## SOBRE A ILUSTRADORA

Formada em arquitetura e urbanismo, é também atriz, diretora, musicista, cenógrafa, cantora e compositora. Possui pós-graduação em Gestão Cultural. Com formação técnica em piano desde 2006, seguiu com a música desde então, dando aulas de piano e tocando. Tocou em bandas como Didá e Universo Groove Cênico. Cantou nas bandas Universo Groove Cênico e Verbo e Juízo e hoje segue carreira musical independente.

Ingressou na companhia A RODA, de teatro de bonecos, como atriz manipuladora em 2012, onde permaneceu até 2017. Com a companhia, apresentou os espetáculos “O Pássaro do Sol”, “O Combate” e “Luiz e a Liberdade”. Participou ainda do Palco Giratório, do SESC em 2015.

Com cursos diversos de cenografia, iluminação e gravação e mixagem de som, também realizou algumas atividades na área técnica. Trabalhou no Teatro Castro Alves como REDA em 2014 e parte de 2015, na função de administradora de palco.

Produziu e ministrou a oficina de teatro de sombras para mulheres intitulada “Mulheres na Luz” através do edital Cultura Livre em 2018, em Ilhéus. Dirigiu, montou e apresentou histórias curtas contadas numa caixa de teatro de sombras, em Ilhéus em 2018, de forma independente. Dirigiu, montou e apresentou o espetáculo “La Loba” em Ilhéus, em 2019, de forma independente, com participantes oriundas (em sua maioria) da oficina “Mulheres na Luz”. Em 2019 e 2020, montou e apresentou o espetáculo “Na sombra da poesia”, para crianças e adultos em Ilhéus. Em 2020 ainda ilustrou o livro infantil “O trenzinho”, da autora Leila de Oliveira.

## SOBRE O AUTOR

Pedro de Albuquerque Oliveira é ator, jornalista e professor. Autor do livro “Teatro Popular de Ilhéus – 25 anos” (desta mesma editora). Dedicou-se à literatura de cordel, por incentivo de Gilton Thomaz e Azulão Baiano, desde 2007. Atualmente é professor de História do Teatro na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste Baiano).

O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

